

TRÊS VIDAS, O MESMO COLÉGIO, DIFERENTES OLHARES (DÉCADAS DE 1930 E 1940)

LEONARDI, Paula – USP

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

O presente trabalho tem por objetivo analisar a passagem de três mulheres por um colégio confessional católico nas décadas de 30 e 40 em Rio Claro, no interior do Estado de São Paulo. Procuro enfatizar as relações travadas entre estas mulheres e o Colégio Puríssimo Coração de Maria de acordo com suas origens sociais diferenciadas. Esta análise está inserida em uma discussão mais ampla a respeito das relações Igreja Católica e Estado e na construção, compartilhada por ambos os poderes, de uma idéia de professora e mulher e de uma idéia de escola de qualidade. Difundidas como espaços culturais privilegiados, foi no início da década de 30, com a organização do sistema nacional de educação, que as escolas foram projetadas com maior força para fora de seus muros, expondo-se publicamente. Na cidade de Rio Claro, região de grandes fazendas produtoras de café, o *status* dado às escolas pela população não foi diferente. A cidade viveu, no início da República, um período de grandes investimentos culturais. Era preciso modernizá-la política, econômica e culturalmente. Assim, os emblemas da cidade moderna eram estampados no centro de Rio Claro, sendo um deles o Colégio bem sucedido, um dos símbolos do progresso da cidade.

Apresento aqui o resultado de três entrevistas¹. Assim como sugere Francine Muel-Dreyfus (1996), procurei nas entrevistas, as repetições, as ênfases em determinadas situações, cercadas ou não de enunciados e prescrições, que produzem a identidade cultural e simbólica, imagens da feminilidade. Tento aproximar-me mais da postura do colecionador do que daquela do historiador moderno, conforme sugeriu Benjamin (GAGNEBIN, 1994). Assim, busco singularidades, emoções e contradições daqueles que fizeram parte do *Colégio Puríssimo*, tentando rememorar-lo. Busco a recuperação de dimensões pessoais, psíquicas e sociais, singularidades expressas nas relações com esse *Colégio* e a articulação com a memória coletiva.

Família e escola unidas

Dolores apresenta em seu depoimento uma visão a respeito de quem era a elite do *Puríssimo* e como essa elite via a si mesma e a escola. Para ela, vivia-se Paris naquela época. Os padrões de comportamento europeus, especialmente o francês, estavam em voga no Brasil. O relato de Dolores é carregado de emoções e do *glamour* que envolvia essas atividades. Ela sentia-se pertencente ao Colégio. Conhecia seus cantos e corredores e, por isso, suas lembranças têm refúgios. Assim como a casa natal, o *Puríssimo* estava fisicamente inscrito em seu corpo, transformado em hábitos orgânicos (BACHELARD, 1984).

Dolores é a primeira filha de três meninas, cujos pais, imigrantes espanhóis, se conheceram no Brasil, herdaram e ajudaram a aumentar o patrimônio de seus avós. Apenas dois anos após sua chegada ao País, ambas as famílias compraram terras. Seus

1 Outras fontes utilizadas na pesquisa: livros de crônica da comunidade de freiras da Congregação do Imaculado Coração de Maria, notícias de jornais e fotos do arquivo da escola e de arquivos pessoais.

pais se conheceram dentro do círculo restrito de amizades dos imigrantes *bem sucedidos*. Do cultivo de batatas, a primeira atividade lucrativa da família, resultou uma grande frota de caminhões e uma empresa de transportes. Dolores Gimenez ingressou no Colégio em 1948, no primeiro ano ginásial.

Para Dolores, o *Puríssimo* cumpriu seu papel educando as moças dentro de um ideal de feminilidade e proporcionando-lhes o acesso a uma profissão aceitável para a mulher: ser professora. As *moçoilas* precisavam passar por essa escola para aprender essa parte *bem feminina*. E ser professora era aceitável, já que ia ao encontro dos ideais em voga, que viam essa profissão como uma extensão das atividades femininas consideradas biológicas e naturais: ser mãe e educadora. Convinha ao Estado Novo a difusão desses ideais, sendo que a necessidade de mais professores se colocava. Mas o termo **profissão** não se adequava bem ao período, já que se supunha que ser educadora era uma vocação inata da mulher.

As contradições inerentes a esta *sociedade do espetáculo* surgem em meio à pureza e ordem dos ambientes que se misturam, casa/escola. Educar adequadamente a mulher significava muito mais no *Puríssimo* e isso aparece em temas aparentemente opostos, mas que se fundiam nessa escola. Bordado, costura, piano, pintura, etiqueta, boas maneiras estavam direcionados para o polimento cultural e, em seguida, todas essas técnicas se uniam para a demonstração na passarela. O sagrado aprendizado da moça unia-se à sensualidade profana dos desfiles promovidos na escola.

A importância do diploma

Therezinha Sitolin ingressou no primário do Colégio *Puríssimo* em 1938. Concluiu o Ginásio e, em seguida, começou a trabalhar. Anos depois, retomou seus estudos em uma escola pública da cidade, o Grupo Escolar *Joaquim Ribeiro*, cursando o Normal. Nunca exerceu a profissão, tão cara para ela e para sua mãe. Os motivos que a levaram a seguir esse percurso giram em torno do tema principal de sua narrativa: a família. Dela tudo se origina e para ela tudo converge. A mãe é a grande figura que se destaca em sua história. Therezinha faz a apresentação de sua família e de seu contato com o *Puríssimo* ao sabor das recordações que lhe afloram. Recordações onde o sofrimento se faz presente, acompanhado de amargura e esperança.

Neta de imigrantes, de uma família numerosa (sete filhos), Therezinha foi predestinada por sua mãe a tornar-se professora. Seus pais sempre trabalharam na lavoura. Quando se mudaram para a cidade, a esperança de progresso foi frustrada. Os filhos trabalhavam para ajudar nas despesas da casa, mas, ao mesmo tempo, a mãe esperava que a educação oferecesse melhores condições de vida para eles. Assim, todos foram matriculados no *Puríssimo*.

Na história que Therezinha nos conta, há uma tensão constante entre sentir-se privilegiada, ocupando uma posição distinta da maioria, e sentir-se discriminada, ocupando uma posição inferior. Mas há, também, o enorme esforço para se equiparar às

meninas da classe, lendo bem e tirando boas notas para suprir uma diferença que não residia nesses aspectos, mas, sim, em sua origem social e em sua condição de ingresso e permanência no Colégio. Poucas vezes, porém, esse Colégio é denominado. Therezinha refere-se ao *Puríssimo*, substituindo seu nome por outras expressões. A distância que mantém com relação a ele revela-se em toda sua narrativa. Therezinha não conhece seus cantos, nunca adentrou por suas portas. Ela não fez parte dele, embora acreditasse que sua passagem por ali poderia modificar seu destino social.

A história de sua família é afetada por todos os acontecimentos mundiais daquele período. A guerra, a situação política e econômica entrelaça-se aos casamentos, formaturas, à comida restrita e à sua gravidez. Ela estava inserida muito mais nesse mundo do que no mundo de sonhos do colégio e da sociedade em festa onde *as outras* meninas viviam. A frequência aos clubes da cidade não existia para a família de Therezinha. Seus passeios eram o circo e, quando moça, o *footing* na praça. A preocupação sobre como se comportar em um ou outro ambiente ocupa um segundo plano. A primeira preocupação era alimentar a todos. Dentro do *Puríssimo* circulavam seus desejos aplacados pela religiosidade. Desejo de chocolate, desejo de ser uma aluna exemplar, desejo de ter uma profissão que a transportasse a outro nível social. Foi no Instituto de Educação *Joaquim Ribeiro* que Therezinha sentiu-se mais próxima das colegas e parte da escola. Mais uma vez ela buscava o diploma.

A religião foi, para ela, o único grande bem que adquiriu em sua passagem pelo Colégio: *quem não aproveitou foi por que não quis...* Ela aprendeu o perdão, virtude que hierarquiza e determina posições. O ambiente de gente rica ao qual ela precisou se adaptar não lhe trouxe grandes recompensas. Não se misturou às outras meninas. O *grande investimento* trouxe o retorno esperado: ela tornou-se uma secretária competente.

Anos dourados

Ivanira Bohn Prado é uma das personagens do *Puríssimo* que permanece, ainda hoje, nas lembranças daqueles que conhecem esse Colégio, alunos ou moradores da cidade. Ivanira apresenta-se coberta por uma pelerine e recostada elegantemente em sua poltrona. Suas mãos se movimentam com delicadeza, entusiasmo e orgulho, apontando fotos, trabalhos dos alunos, notícias nos jornais, prêmios em concursos. Difícil é saber mais a respeito de sua vida longe do *Puríssimo* ou longe das outras escolas nas quais lecionou. Ivanira veste a capa da professora e esta lhe cai tão bem que mal se nota seu

uso encobrindo outras vestes.

Ivanira pertenceu a uma família de elite. Com a crise do café sua família viu-se profundamente abalada. Seu silêncio a respeito de sua vida familiar ou sobre as dificuldades enfrentadas é significativo e aponta para uma negação de conflitos vividos. Após as perdas econômicas, toda a família viu-se obrigada a trabalhar. O assunto é tratado rapidamente. Quando Ivanira volta a falar de seu trabalho ele é desvinculado do ganho e tratado como caminho para realização pessoal. É assim que sua profissão e a passagem pelo *Puríssimo* aparecem: semelhante a um sacerdócio.

Quando chegou a Rio Claro, a escola mais indicada foi o *Puríssimo*. No entanto, Ivanira sentiu profundamente a diferença entre esta escola e o *Stafford* ou o Colégio das irmãs francesas. Certamente, essas duas últimas não formavam para o trabalho: formavam damas. No *Puríssimo* ela foi confrontada com a *elite rio-clarense*, onde a orientação para o trabalho estava sendo desenvolvida com a criação do Curso Normal. A diferença entre *essas elites* foi um choque. O *desnível escolar* estava ligado não só ao currículo, mas a comportamentos, perfumes, arquiteturas.

Foi na necessidade de reconversão de capital para manutenção de *status* que Ivanira encontrou os ideais do Estado Novo, que foram construídos na sua relação com a elite cafeeira falida e a nova elite de imigrantes bem sucedidos, industriais e profissionais liberais. Ao ideário do progresso foram combinados o nacionalismo e ideais românticos de nação e família. Esses ideais apareciam também na educação e, aqui, na narrativa de Ivanira, o trabalho idealista do professor revela essas características. Ela foi uma professora bem sucedida, não se casou e manteve a exaltação à sua origem nobre. Ela viveu por sua profissão e, mais que tudo, acreditava em sua missão como educadora.

Para Dolores, a boa educação recebida no *Puríssimo* revelava-se no comedimento dos gestos, na civilidade, no amor à pátria. Para Therezinha, a boa educação resultou em sua fé, em suas virtudes, embora sua mãe esperasse que o polimento cultural lhe oferecesse melhores chances de ascensão social. Para Ivanira, estudar e trabalhar no *Puríssimo* era a reconversão do capital econômico em capital cultural e social. Acredito que a imagem de *escola de qualidade* e que *formava integralmente* se construía e se mostrava, em última instância, num *habitus* de classe que demonstrava o sucesso da escola e de seus professores. Quanto aos outros grupos acolhidos pela escola, alunas de famílias pobres ou as operárias do curso noturno de alfabetização, a atitude altruísta do Colégio e do corpo docente era a imagem que se transmitia. Acompanhando o momento político da construção da identidade nacional, o Colégio assumiu esse discurso e envolveu-se na lógica espetacular, mas sem abandonar seus projetos, como por exemplo, de formação da mulher. Nos rituais, nas cerimônias, as imagens que se apresentavam era o Colégio puro, as meninas virtuosas.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva – Fapesp; Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- MUEL-DREYFUS, Francine. *Vichy et l'éternel feminine: contribution a une sociologie politique de l'ordre des corps*. Paris: Éditions du seuil, 1996.